

REPORTAGEM ESPECIAL

Terras raras trazem oportunidade de industrialização para o Brasil

Marcus Meneghetti*

Especial para o JC

A professora de Relações Internacionais da Faculdade Presbiteriana Mackenzie Rio, Fernanda Brandão, acredita que o Brasil deve atrair capital estrangeiro para acelerar a exploração das reservas brasileiras de terras raras. Entretanto, a atração desse investimento deve ser feita de uma maneira que crie uma cadeia industrial no país – permitindo a exportação dos elementos processados, em vez do minério bruto.

O desenvolvimento de uma indústria de beneficiamento e enriquecimento do material bruto é significativamente mais lucrativo. Um quilo do material bruto contendo terras raras vale poucos dólares (dependendo dos elementos e da concentração). Por outro lado, um quilo de um determinado elemento processado pode custar US\$ 15.000,00, como é o caso do óxido de lutécio.

Para atrair companhias no mercado global, a especialista em Relações Internacionais vê várias possibilidades: “Parcerias público-privadas, exigência de capital público nas iniciativas (de exploração das terras raras), uma estatal como a Petrobras, operando em parceria com empresas estrangeiras.”

Empresas & Negócios – Embora o Brasil tenha mais de 20% das terras raras do planeta, ainda é um setor pouco explorado pelo país. Qual o papel do Brasil no mercado global desse material?

Fernanda Brandão – O Brasil desponta como um ator potencialmente estratégico nesse cenário. O país tem a segunda maior reserva conhecida desses minerais críticos mais raros, as famosas terras raras. Hoje a produção brasileira é muito pequena comparada com o nosso potencial. Mas o mais importante é que não existe uma indústria de processamento desse minério em território nacional. Isso cria uma oportunidade gigante de desenvolvimento de um setor industrial, de uma cadeia produtiva tecnológica.

E&N – Qual o principal desafio para desenvolver uma indús-

tria brasileira no setor de terras raras?

Fernanda – O desenvolvimento econômico passa pelo Brasil deixar de ser um exportador de commodities. Qual é o problema de sermos só produtores de commodities? O valor agregado é muito baixo. O processamento industrial gera um valor muito maior. Hoje o Brasil precisa de capital estrangeiro para desenvolver essa produção (de terras raras), porque não há investimento doméstico suficiente em pesquisa, não há desenvolvimento de tecnologia própria para isso. O país poderia fazer isso exclusivamente através de políticas públicas, investindo massivamente em pesquisa e desenvolvimento nesse setor. O problema é que isso atrasaria mais alguns anos a produção brasileira, a entrada nesse mercado estratégico internacionalmente. Há reservas que vão levar 15 anos para alcançar uma produção massiva. Então, o desafio do Brasil é o seguinte: como aproveitar essa janela de oportunidade sem nos condenarmos a sermos eternos fornecedores de commodities para as grandes potências?

E&N – Como atrair investimento estrangeiro ao Brasil?

Fernanda – Existem várias possibilidades: Parcerias Público-Privadas, exigência de capital público nas iniciativas (de exploração das terras raras), uma estatal como a Petrobras, operando em parceria com empresas estrangeiras. O Chile tem uma série de políticas públicas interessantes, inclusive (a venda de minérios por) um preço mais baixo para as empresas que decidirem instalar sua produção de componentes no território chileno. É uma maneira de impedir que as empresas exportem o minério bruto para produzir esses componentes em outros lugares.

E&N – A Política Nacional de Minerais Críticos, Estratégicos e Terras Raras – sancionada pelo presidente Lula neste mês – pode contribuir na atração de investimentos? O que destacaria no texto?

Fernanda – Eu destaco a criação do Conselho Especial de Minerais Críticos e Estratégicos, cujo objetivo é observar os investimentos de indústrias

estrangeiras, avaliar como está sendo executada a exploração em território nacional. O texto final não teve nenhuma medida restritiva, como uma cota de exportação, um limite no volume exportado ou exigências de que certas fases de processamento sejam feitas em solo nacional. Ao mesmo tempo, incluiu uma série de estímulos fiscais e de crédito, na tentativa de atrair empresas estrangeiras ao Brasil. Nos próximos anos, quando esse setor começar a se desenvolver, vai ficar mais claro se esse quadro regulatório foi suficiente ou se o país vai precisar de novas travas para garantir um maior controle nacional sobre esses recursos estratégicos.

E&N – Após o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, impor tarifas à China, os chineses responderam limitando o acesso das empresas estadunidenses às terras raras. A Casa Branca, por sua vez, passou a manifestar interesse nas terras raras brasileiras como uma alternativa para diminuir a dependência da China. Isso chegou até a gerar certa tensão diplomática com o Itamaraty. Os EUA são os principais interessados nas terras raras brasileiras?

Fernanda – Para os Estados Unidos, as terras raras são extremamente estratégicas no desacoplamento da economia chinesa. Hoje a indústria dos EUA depende das terras raras chinesas, porque a China tem praticamente o monopólio desse setor. Mesmo que essa matéria-prima seja extraída em outro país, cerca de 90% das terras raras do mundo são processadas em território chinês. Ao mesmo tempo, a nova doutrina de segurança da Casa Branca reafirma a América Latina como zona de influência dos Estados Unidos, resgatando a chamada Doutrina Monroe, que entendia “a América para os americanos”. Então, as reservas brasileiras de terras raras estão no que eles consideram sua zona de influência, além de ter uma proximidade geográfica. O acesso privilegiado a esses recursos pode ser um importante fator na redução da dependência da China.

E&N – Nesse caso, o Brasil deveria atrair empresas dos



MACKENZIE RIO/DIVULGAÇÃO/JC

Fernanda Brandão destaca importância de parcerias público-privadas

Estados Unidos?

Fernanda – O governo Trump está empenhado em trazer de volta aos Estados Unidos algumas indústrias que se deslocaram para o sudeste asiático. Então, em que medida as empresas americanas vão estar dispostas a trazer para o Brasil parte do seu processo produtivo? São interesses conflitantes. O desafio para os próximos governos brasileiros vai ser equilibrar a vontade americana de ter acesso a esses recursos com o nosso interesse de desenvolvimento nacional.

E&N – Que outros países têm indústrias interessadas em investir no Brasil?

Fernanda – Empresas da China, dos Estados Unidos, da Austrália e do Canadá têm se apresentado para investir no Brasil. Houve recentemente um anúncio de um empréstimo do BNDES para a Viridis, que é australiana. Também teve a compra da Serra Verde (que hoje é a única empresa que exporta terras raras no Brasil) por uma empresa americana (a USA Rare Earth). É interessante lembrar que, antes da venda, a Serra Verde operava em parceria com uma empresa chinesa.

Entenda as terras raras do Brasil

O que são minerais críticos e estratégicos?

Minerais críticos e estratégicos são um conjunto de elementos que têm alta demanda global e fornecimento vulnerável a gargalos geopolíticos. Normalmente, são utilizados na fabricação de tecnologia, de produtos eletrônicos e na indústria energética. Por exemplo, lítio, cobalto, níquel, grafita, cobre e terras raras.

O que são terras raras?

As terras raras são um conjunto de 17 elementos químicos. Eles são chamados de “raros” pela dificuldade em encontrá-los concentrados em grandes quantidades. Incluem o lantânio, cério, prasíodímio, neodímio, promécio, samário, európio, gadolínio, térbio, disprósio, hólmio, érbio, túlio, itérbio, lutécio, escândio e ítrio.

Por que esses elementos são importantes?

Eles são cruciais para a fabricação de computadores, smartphones, turbinas eólicas, painéis fotovoltaicos, veículos elétricos, aviões, submarinos e mísseis. A aplicação das terras raras nessas tecnologias se deve às suas propriedades únicas, como a geração de ímãs superpotentes, resistência a temperaturas elevadas e alta capacidade de transmissão de dados.

*Marcus Meneghetti é jornalista formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs). É pós-graduado em Artes da Escrita, pela Universidade Nova de Lisboa (Portugal). Trabalhou como jornalista político por mais de oito anos. Atualmente, dedica-se ao mercado de criptoativos.